

IM é tema de pesquisa internacional

Diálogo. Americanos encontram com a Administração Central da Rural para um bate-papo sobre educação pública no Brasil

Estudantes da Universidade de Duke (EUA) visitam câmpus Nova Iguaçu para desenvolver pesquisa sobre mobilidade acadêmica

Bruna Somma

Nos últimos anos, as universidades públicas brasileiras passaram a ser mais inclusivas e representativas. No caso da UFRRJ, houve também a criação de novos câmpus, como o Instituto Multidisciplinar (IM), em Nova Iguaçu, que veio atender a demanda por uma instituição federal e de qualidade. Um grupo de estudantes da Universidade de Duke, nos EUA, observou esse fenômeno e se interessou em desenvolver uma pesquisa sobre o tema, em parceria com a Rural. É o *The Cost of Opportunity: High Education in Baixada Fluminense* (“O custo da oportunidade: educação de qualidade na Baixada Fluminense”), que teve sua primeira ação efetiva no final de junho, com a visita de oito alunos e dois professores americanos ao IM. A vinda teve como objetivo recolher dados e informações sobre como o câmpus da Rural na Baixada colaborou para a mobilidade acadêmica do local.

O grupo deseja traçar o perfil socioeconômico do estudante que chega às universidades públicas brasileiras hoje em dia, e saber quais são suas perspectivas. Para isso, realizaram uma série de entrevistas com alunos e professores do IM, além de participarem de oficinas de preparação metodológica e leituras de documentação histórica sobre a região e a política do ensino superior no Brasil, durante as três semanas que permaneceram por aqui. O projeto vai ser lançado para as agências de financiamento no outono de 2017.

Os americanos já tinham interesse no Brasil — tanto que todos os integrantes do grupo falam português. Um desses estudantes é John Victor Alencar, que nasceu no Recife, mas mora nos EUA desde criança. Ele foi o primeiro da família a entrar na universidade e espera que esse estudo o ajude a entender a inclusão de pessoas de classes populares na universidade pública.

— Eu gosto de estudar sobre o Brasil porque é a minha cultura. Mas eu não entendo muito bem porque não moro aqui — comentou Alencar.



Foto: Beatriz Rodrigues

Universidade mais inclusiva

Os americanos também conheceram o câmpus de Seropédica e participaram de uma reunião com a Administração Central. O objetivo foi obter um panorama da educação nos últimos anos. Estiveram presentes a reitora, Ana Dantas; o vice-reitor, Eduardo Callado; o diretor do IM, Alexandre Fortes; a pró-reitora de Extensão, Katherina Coumendouros; a pró-reitora de Graduação, Lígia Machado; o pró-reitor de Assuntos Estudantis, César Da Ros; e alunos do IM.

Um dos principais assuntos discutidos foi o método de entrada na universidade pública adotado pelo Brasil. Com a implantação do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) e da lei de cotas, o perfil do estudante passou a ser muito mais diversificado. Agora, negros e egressos de escolas públicas, por exemplo, podem conseguir uma vaga. Cenário que antes era predominante ocupado por representantes das elites.

— Hoje, a UFRRJ já tem mais de 50% de egressos de escolas públicas de Ensino Médio, com um quantitativo que atinge também os alunos de vulnerabilidade econômica. Assim, podemos dizer a Rural tem um perfil bastante inclusivo — ressaltou Lígia Machado.

O pró-reitor de Assuntos Estudantis, César Da Ros, destacou a importância da assistência aos discentes, como o programa de bolsas e o alojamento. Ele também explicou que nos EUA o estudante consegue uma bolsa para estudar em uma universidade privada. Aqui, o aluno entra em uma instituição pública, mas para manter-se nela precisa de um auxílio financeiro extra.



Hoje, a UFRRJ já tem mais de 50% de egressos de escolas públicas de Ensino Médio, com um quantitativo que atinge também os alunos de vulnerabilidade econômica.”

Lígia Machado, pró-reitora de Graduação

— A importância da assistência estudantil no contexto atual da Universidade é garantir que essa inclusão seja mantida. Que essas pessoas possam permanecer aqui e diminuir as taxas de evasão e de reprovação nas disciplinas — explicou Da Ros.

A partir de todas as informações coletadas no Brasil, o grupo de americanos pretende escrever artigos, ou até mesmo um livro.

— A partir de setembro (início do ano letivo nos Estados Unidos), com o material que levaram daqui, eles vão poder escrever projetos para conseguir novos recursos para dar continuidade. Já está definido que, em março de 2017, vai haver um seminário de balanço sobre a pesquisa. Alguns alunos e professores da Rural vão para lá. — concluiu Alexandre Fortes. ■